

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO V—Número 1.374
Sexta-feira, 18 de Maio de 1923
PREÇO—20 CENTAVOS
Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 32-A, 2.º e Lisboa—PORTUGAL
TELEFONE—5339-C
Officina de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

O operariado deve corresponder ao apêlo formulado pelos grevistas têxteis da Covilhã, auxiliando-os materialmente, para que sejam atendidos nas suas justas reclamações.

OPERÁRIOS, ATENÇÃO!

O terrorismo na Covilhã

O presidente do ministério permitindo que, naquela cidade beirã, ande um ditador pago pelos industriais a dar coices nos operários!

Já há crianças com fome A classe operaria não pode consentir que os grevistas covilhanenses sejam esmagados

É revoltante, é brutal, é infâmico o que se está passando actualmente na Covilhã! É o presidente do ministério a desinteressar-se do caso; é o presidente do ministério a sancionar com a sua indiferença os crimes que naquela cidade se estão praticando!

Os leitores de A Batalha estão mais ou menos informados do que se trata. Os operários têxteis da Covilhã—onde a carestia da vida é ainda mais asfixiante do que em Lisboa—anteriormente uns salários exigiu, miseráveis, que nem sequer chegavam para morrer de fome. Os industriais estavam ganhando rios de dinheiro, os seus lucros eram uma troca revoltante à miséria dos que trabalhavam. Nunca se viram tantos automóveis de luxo na Covilhã como agora. Os industriais estavam realizando lucros que orçavam por cem por cento, como se pode verificar pelas tabelas que a Batalha publicou há dias, cuja verdade dura e atida ainda não foi contestada.

A miséria impeliu os operários para a greve.

Greve mais legítima, mais humana não pode haver. Aqueles que produzem a riqueza alheia, reclamaram dessa riqueza para comer. Pois os industriais, desumanos, bárbaros e avaros, recusaram-se a atender as reclamações, colocaram-se num antipático campo de irreductibilidade.

Competia às autoridades locais colocarem-se ao lado da razão—e a razão estava com os operários. Mas como poderia o administrador do concelho colocar-se ao lado da razão, se ele é industrial também, se ele é um dos muitos exploradores que arrastam o povo à miséria?

Descarada e revoltantemente o administrador do concelho da Covilhã tratou de salvar os seus interesses dos industriais, procurando acabar com a greve pela violência, uma violência cega, ditada por uma alma mesquinha, torpe e egoísta. Consta mesmo que os industriais estão na disposição—caso esse tratante armado em ditador de concelho consiga esmagar a greve—de dar-lhe seis contos de réis e outros seis ao chefe da polícia.

E as perseguições, que critério algum de justiça pode explicar, tem todo o carácter dum frete bem pago ao perseguidor.

Já se encontram enclausurados mais de cinquenta operários! Outros cinquenta ou mais, constantemente procurados pela polícia, tiveram que refugiar-se em lugar seguro. Porquê? Para quê?

Para garantir, provavelmente, alguns contos ao administrador do concelho, que o governo permite que assim cubra de lama a constituição da república e calque aos pés as luminosas promessas de bem-estar que os republicanos fizeram ao povo.

A Casa do Povo da Covilhã e a secção operária da Aldeia de Carvalho, associações legalmente constituídas, mantêm-nas o ditador do concelho encerradas. E em nome de que princípio, sr. presidente do ministério? Em nome da liberdade de associação?

A guarda republicana, corporação de madraços que está comendo os olhos ao país, segundo boatos que correm pela Covilhã, também está bem paga pelos industriais para perseguir e maltratar os operários.

Então, sr. presidente do ministério, que sensibilidade é a sua que fica indiferente perante acusações desta importância?

Pode consentir-se que a força pública, as autoridades sejam assim alagadas por quem mais dinheiro possui?

Para corolário de todas estas infâmias, os socialistas, que falsamente se intitulam amigos e protectores dos operários, estão empunhados também em esmagar a greve, com as costas protegidas pelo administrador. Quizeram realizar uma obra de traição que indigna, que revolta. Projectaram editar um manifesto convidando os grevistas a regressar ao trabalho sem condições, submetendo-se às imposições bárbaras dos industriais.

Quizeram também realizar uma sessão pública, na qual só usariam da palavra socialistas, empregados superiores e patrões. O povo, porém, revoltou-se, compreendeu a obra de traição que esses cavalheiros queriam levar a cabo e não os deixou falar. Houve conflitos e choveram algumas espiadouras.

E, como consequência desta obra criminosa dumas autoridades vendidas, numerosas crianças, filhas dos grevistas, debatem-se já com a fome.

Alguns operários de outras indústrias já tomaram a seu cargo alguns filhos dos grevistas. E preciso que os operários da Covilhã não sejam esmagados pelo Mussolini de pacotilha que anda nos coices, com licença do presidente do ministério, lá pela Covilhã.

A Batalha dirige-se ao proletariado para que auxilie materialmente os bravos operários da Covilhã. A classe trabalhadora não pode consentir que morram crianças de fome, e muito menos que os bandidos da indústria aliada a força armada façam calar a voz da razão!

Rocha Martins

vereador monárquico da Câmara Municipal de Lisboa, confessa à «Batalha» seus projectos luminosos...

QUEREMOS REALIZAÇÕES

O sr. Rocha Martins, historiador, jornalista... e monárquico, é presentemente vereador da Câmara Municipal e como conhecemos as críticas mordazes que fazia aos seus antecessores, quizermos saber—agora que ele se encontra no lugar daqueles que então flagelava com a sua troca—o que pensava acerca do lindo estado de desleixo em que a cidade de Lisboa se encontra.

Receber-nos aquele nosso colega de imprensa, como ele próprio chamou ao redactor que o ouviu, com a amabilidade de sempre, amabilidade muito plebeia e, por isso mesmo, muito mais simpática.

Tenho muito prazer em falar, por intermédio de A Batalha, às classes operárias. E com elas que eu me dou bem.

Lisboa encontra-se realmente num estado de abandono que revolta. Numa palavra: carrega de tudo... Estamos fora da civilização. Acho que em primeiro lugar, nós—à Câmara—devemos lutar do essencial.

E que reputa o sr. Rocha Martins de essencial?

Rapidamente o nosso entrevistado respondeu:

—Luz, ruas, transportes e balneários. Não se compreende uma cidade escura, descascada, com os carros caríssimos, e sem recintos próprios onde o povo se lave.

Nós também não admitimos semelhantes anomalias.

A construção de balneários

—Eu—disse o sr. Rocha Martins—pertence a uma comissão de obras, mercados e lavadouros. Quanto a balneários não há, pelo menos que se vejam. O povo quer lavar-se no Tejo e é preso, e a água não abunda em suas casas. Ora bem, isso resolve-se obtendo a água da respectiva companhia, a troca de qualquer concessão mínima. E a construção dos balneários, como os hotelheiros pretendem fazer dos mercados, impunha-se-lhes como condição. E já teríamos dois balneários. Os outros sairiam da iniciativa camarária.

Eléctricos mais baratos à hora do trabalho

—E acerca dos transportes, que pensa o sr. Rocha Martins? Os eléctricos estão caríssimos...

O nosso entrevistado fala com rapidez, é difícil por vezes seguir-lhe o pensamento.

—É necessário—disse ele—obter da Companhia dos eléctricos carreiras a preços reduzidos às horas de entrada e saída do trabalho. Esses carros mais baratos teriam horas certas, por exemplo, das 7 e 10 e das 17 e 20. Em troca conceder-se-ia à Companhia a construção de linhas para os bairros pobres: Ajuda, Cruzileira, Campolide de Baixo, Arco do Carvalho, ligando com Belém, Alântara, Pólvora, etc.

A cidade mais escura do mundo

—E a falta de iluminação sr. Rocha Martins?

—A luz de que a cidade carece—atacou o nosso entrevistado—não está em harmonia com a que lhe dá.

Vivemos na capital mais escura do mundo!

—É uma verdade—confirmou o sr. Rocha Martins—Há ruas onde não existem candieiros. Para meter electricidade em certas artérias surgem mais vontades, desde que à Companhia não dá conta—por isso os pobres vivem às escuras. Mesmo nos bairros ricos a luz não é boa.

Também é necessário estudar muito bem essa questão da Companhia do Gás com a Câmara. Em último caso há caminhos a seguir que todos aplaudirão...

—E pavimentos, que nos diz aos pavimentos?

—De futuro toda a gente que fizer obras nas ruas deve concertá-las.

E muitas cousas mais...

—Mas a-par de tudo isto—disse o sr. Rocha Martins após uma ligeira pausa—há mil cousas a ponderar, como sejam as condições da educação nas escolas primárias do município, substituição de livros nas bibliotecas, etc.

Há, porém, o problema da beleza, da transformação de Lisboa que tem sido muito debatido e de Malheiro Dias se tornou o paladino... Mas isso demanda muito trabalho e muita atenção.

Despedimo-nos do sr. Rocha Martins, fazendo votos por que todas as cousas lidas que nos disse tenham breve realização.

NA BÉLGICA

Agravou-se a greve dos transportes

BRUXELAS, 17.—Em virtude da greve dos transportes encontram-se retidas mais de 800.000 cartas. Os membros da Federação Postal, que representam um terço do pessoal em greve, retomaram o trabalho em Bruxelas, e noutras partes continua a greve, seguindo a fúria do Sindicato Nacional.

Os comboios internacionais encontram-se bloqueados em Anvers, onde os mecânicos e fogueiros abandonaram o trabalho.

UM CONFLITO IMPORTANTE

Uma greve formidável!

Explicam-se minuciosamente as razões poderosas que levaram a Federação Marítima a declarar a greve geral nacional

O patronato vem procedendo de má fé desde o começo do conflito

Causou assombro ao público mal elucidado a súbita paralisação das classes marítimas. Desde ontem, como já noticiámos, que todas as classes que trabalham no mar e nos rios paralisaram o seu trabalho. Estamos em presença dum conflito grave—milhares e milhares de homens em greve, do Norte a Sul do país.

É necessário que os leitores saibam minuciosamente quais os motivos que levaram a Federação Marítima a tomar resolução de tanto vulto.

O camarada Alfredo Nunes Moreira, membro da comissão administrativa da referida Federação, melhor do que nós tudo explicou. Queira o leitor dar-se ao trabalho de escutá-lo, como nós o escutámos de viva voz.

O princípio da questão—Como se faz esgotar a paciência

—O princípio deste grande conflito—disse o camarada Alfredo Nunes Moreira—foi muito simples: os estivadores e condutores de sal do rio Sado reclamaram do patronato 50% de aumento de salário. Os patrões após algumas demoras não quiseram dar mais de 25%.

Os operários ainda transigiram até 30%, o que os patrões não aceitaram.

Pausa para acender um cigarro e o nosso entrevistado prosseguiu:

—Persistindo em sua teimosia, os patrões agravaram o conflito com um abuso condenável, revoltante!

—Que abuso praticaram eles?—interrogámos ansiosos.

—Apoderaram-se de alguns pequenos barcos que pertenciam exclusivamente aos operários condutores de sal, guardaram-nos com pragas do exército e da armada e assim quiseram furar a greve. Os militares, é claro, tem estralado os canhões...

—E a Federação Marítima?

—A Federação Marítima viu que estava lidando com gente de má fé e resolveu declarar a boicotagem aos patrões dos carregadores de sal, que são Borges & Irmão, Veiser, J. T. Pinto Vasconcelos e Pinto Bastos.

—E que fizeram os patrões?

—Que fizeram? A simples boicotagem parcial que fizemos responder com um lock-out geral! Como vê, parece que havia da parte do patronato uma vontade inexplicável de tornar o conflito cada vez mais extenso. Em face daquela atitude irritante, a Federação Marítima tomou então a resolução enérgica de declarar a greve geral em todo o país.

—Não havia outro remédio.

—A ele fomos impelidos pelos capitalistas, rematou Alfredo Moreira.

As classes marítimas estão animadas de entusiasmo

—As primeiras violências

—E em que estado se encontra a greve?

—Excelente!—exclamou o nosso entrevistado com entusiasmo.—Nós, os marítimos, temos alma de lutadores. No porto de Lisboa a paralisação é absoluta. Daqui, dos arredores, como Alameda, Alcochete, Vila Franca, etc., temos recebido notícias de que os marítimos abandonaram por completo o trabalho. E no resto do país calculo que se dê o mesmo. Forçaram-nos a uma solução, agora tem que nos aturar...

Conversámos ainda durante um bom pedaço acerca de outras questões de carácter particular e demos por finda a entrevista, desejando uma vitória breve e completa.

Informam-nos de que parte da tripulação do vapor Peniche, foi arbitrariamente presa por, muito legitimamente e ao abrigo das próprias leis da república, se recusar a trabalhar.

Começam as autoridades a entrar no caminho das violências. Porquê motivo não prendem os patrões que primeiramente se recusaram a dar trabalho a muitos marítimos?

Onde está a liberdade de trabalho? Vivemos num regime de escravidão que o trabalho é obrigatório?

Tentativas de conciliação que resultam infrutíferas

—Mas isso é um autêntico roubo!—exclamámos.—E o que fez a Federação Marítima em face disso?

—Quiz ainda conciliar as partes em litígio. Enviou a Setúbal uma comissão que se avisou com os patrões dos estivadores e dos condutores de sal. Os primeiros declararam que apenas dariam trabalho aos seus estivadores quando estivesse solucionado o conflito com os patrões dos condutores de sal, e estes que só poderiam ceder às reclamações quando os industriais de conservas afirmassem que receberiam o sal com aumento de preço.

—Lérias para entreter—comentámos.

—Sim—confirmou o camarada Moreira.—Lérias que nós aturámos até onde a paciência chegou. Ficou combinado que os industriais de conservas reitiriam na segunda-feira passada e diriam se, sim ou não, aceitavam o aumento do preço do sal. Essa reitirmos nunca mais se efectuou. Precisamente na segunda-feira apeteceu a cada industrial ir passear para longe da terra...

As deliberações enérgicas da Federação Marítima

—A greve geral

—E a Federação Marítima?

—A Federação Marítima viu que estava lidando com gente de má fé e resolveu declarar a boicotagem aos patrões dos carregadores de sal, que são Borges & Irmão, Veiser, J. T. Pinto Vasconcelos e Pinto Bastos.

—E que fizeram os patrões?

—Que fizeram? A simples boicotagem parcial que fizemos responder com um lock-out geral! Como vê, parece que havia da parte do patronato uma vontade inexplicável de tornar o conflito cada vez mais extenso. Em face daquela atitude irritante, a Federação Marítima tomou então a resolução enérgica de declarar a greve geral em todo o país.

—Não havia outro remédio.

—A ele fomos impelidos pelos capitalistas, rematou Alfredo Moreira.

As classes marítimas estão animadas de entusiasmo

—As primeiras violências

—E em que estado se encontra a greve?

—Excelente!—exclamou o nosso entrevistado com entusiasmo.—Nós, os marítimos, temos alma de lutadores. No porto de Lisboa a paralisação é absoluta. Daqui, dos arredores, como Alameda, Alcochete, Vila Franca, etc., temos recebido notícias de que os marítimos abandonaram por completo o trabalho. E no resto do país calculo que se dê o mesmo. Forçaram-nos a uma solução, agora tem que nos aturar...

Conversámos ainda durante um bom pedaço acerca de outras questões de carácter particular e demos por finda a entrevista, desejando uma vitória breve e completa.

Informam-nos de que parte da tripulação do vapor Peniche, foi arbitrariamente presa por, muito legitimamente e ao abrigo das próprias leis da república, se recusar a trabalhar.

Começam as autoridades a entrar no caminho das violências. Porquê motivo não prendem os patrões que primeiramente se recusaram a dar trabalho a muitos marítimos?

Onde está a liberdade de trabalho? Vivemos num regime de escravidão que o trabalho é obrigatório?

Informam-nos de que parte da tripulação do vapor Peniche, foi arbitrariamente presa por, muito legitimamente e ao abrigo das próprias leis da república, se recusar a trabalhar.

Começam as autoridades a entrar no caminho das violências. Porquê motivo não prendem os patrões que primeiramente se recusaram a dar trabalho a muitos marítimos?

Onde está a liberdade de trabalho? Vivemos num regime de escravidão que o trabalho é obrigatório?

Informam-nos de que parte da tripulação do vapor Peniche, foi arbitrariamente presa por, muito legitimamente e ao abrigo das próprias leis da república, se recusar a trabalhar.

Começam as autoridades a entrar no caminho das violências. Porquê motivo não prendem os patrões que primeiramente se recusaram a dar trabalho a muitos marítimos?

Onde está a liberdade de trabalho? Vivemos num regime de escravidão que o trabalho é obrigatório?

Informam-nos de que parte da tripulação do vapor Peniche, foi arbitrariamente presa por, muito legitimamente e ao abrigo das próprias leis da república, se recusar a trabalhar.

Começam as autoridades a entrar no caminho das violências. Porquê motivo não prendem os patrões que primeiramente se recusaram a dar trabalho a muitos marítimos?

Onde está a liberdade de trabalho? Vivemos num regime de escravidão que o trabalho é obrigatório?

Informam-nos de que parte da tripulação do vapor Peniche, foi arbitrariamente presa por, muito legitimamente e ao abrigo das próprias leis da república, se recusar a trabalhar.

Começam as autoridades a entrar no caminho das violências. Porquê motivo não prendem os patrões que primeiramente se recusaram a dar trabalho a muitos marítimos?

Onde está a liberdade de trabalho? Vivemos num regime de escravidão que o trabalho é obrigatório?

Informam-nos de que parte da tripulação do vapor Peniche, foi arbitrariamente presa por, muito legitimamente e ao abrigo das próprias leis da república, se recusar a trabalhar.

Começam as autoridades a entrar no caminho das violências. Porquê motivo não prendem os patrões que primeiramente se recusaram a dar trabalho a muitos marítimos?

Onde está a liberdade de trabalho? Vivemos num regime de escravidão que o trabalho é obrigatório?

Informam-nos de que parte da tripulação do vapor Peniche, foi arbitrariamente presa por, muito legitimamente e ao abrigo das próprias leis da república, se recusar a trabalhar.

recece que havia da parte do patronato uma vontade inexplicável de tornar o conflito cada vez mais extenso. Em face daquela atitude irritante, a Federação Marítima tomou então a resolução enérgica de declarar a greve geral em todo o país.

—Não havia outro remédio.

—A ele fomos impelidos pelos capitalistas, rematou Alfredo Moreira.

As classes marítimas estão animadas de entusiasmo

—As primeiras violências

—E em que estado se encontra a greve?

—Excelente!—exclamou o nosso entrevistado com entusiasmo.—Nós, os marítimos, temos alma de lutadores. No porto de Lisboa a paralisação é absoluta. Daqui, dos arredores, como Alameda, Alcochete, Vila Franca, etc., temos recebido notícias de que os marítimos abandonaram por completo o trabalho. E no resto do país calculo que se dê o mesmo. Forçaram-nos a uma solução, agora tem que nos aturar...

Conversámos ainda durante um bom pedaço acerca de outras questões de carácter particular e demos por finda a entrevista, desejando uma vitória breve e completa.

Informam-nos de que parte da tripulação do vapor Peniche, foi arbitrariamente presa por, muito legitimamente e ao abrigo das próprias leis da república, se recusar a trabalhar.

Começam as autoridades a entrar no caminho das violências. Porquê motivo não prendem os patrões que primeiramente se recusaram a dar trabalho a muitos marítimos?

Onde está a liberdade de trabalho? Vivemos num regime de escravidão que o trabalho é obrigatório?

Informam-nos de que parte da tripulação do vapor Peniche, foi arbitrariamente presa por, muito legitimamente e ao abrigo das próprias leis da república, se recusar a trabalhar.

Começam as autoridades a entrar no caminho das violências. Porquê motivo não prendem os patrões que primeiramente se recusaram a dar trabalho a muitos marítimos?

Onde está a liberdade de trabalho? Vivemos num regime de escravidão que o trabalho é obrigatório?

Informam-nos de que parte da tripulação do vapor Peniche, foi arbitrariamente presa por, muito legitimamente e ao abrigo das próprias leis da república, se recusar a trabalhar.

Começam as autoridades a entrar no caminho das violências. Porquê motivo não prendem os patrões que primeiramente se recusaram a dar trabalho a muitos marítimos?

Onde está a liberdade de trabalho? Vivemos num regime de escravidão que o trabalho é obrigatório?

Informam-nos de que parte da tripulação do vapor Peniche, foi arbitrariamente presa por, muito legitimamente e ao abrigo das próprias leis da república, se recusar a trabalhar.

Começam as autoridades a entrar no caminho das violências. Porquê motivo não prendem os patrões que primeiramente se recusaram a dar trabalho a muitos marítimos?

Onde está a liberdade de trabalho? Vivemos num regime de escravidão que o trabalho é obrigatório?

Informam-nos de que parte da tripulação do vapor Peniche, foi arbitrariamente presa por, muito legitimamente e ao abrigo das próprias leis da república, se recusar a trabalhar.

Começam as autoridades a entrar no caminho das violências. Porquê motivo não prendem os patrões que primeiramente se recusaram a dar trabalho a muitos marítimos?

Onde está a liberdade de trabalho? Vivemos num regime de escravidão que o trabalho é obrigatório?

Informam-nos de que parte da tripulação do vapor Peniche, foi arbitrariamente presa por, muito legitimamente e ao abrigo das próprias leis da república, se recusar a trabalhar.

Começam as autoridades a entrar no caminho das violências. Porquê motivo não prendem os patrões que primeiramente se recusaram a dar trabalho a muitos marítimos?

Onde está a liberdade de trabalho? Vivemos num regime de escravidão que o trabalho é obrigatório?

Informam-nos de que parte da tripulação do vapor Peniche, foi arbitrariamente presa por, muito legitimamente e ao abrigo das próprias leis da república, se recusar a trabalhar.

Começam as autoridades a entrar no caminho das violências. Porquê motivo não prendem os patrões que primeiramente se recusaram a dar trabalho a muitos marítimos?

Onde está a liberdade de trabalho? Vivemos num regime de escravidão que o trabalho é obrigatório?

Informam-nos de que parte da tripulação do vapor Peniche, foi arbitrariamente presa por, muito legitimamente e ao abrigo das próprias leis da república, se recusar a trabalhar.

Começam as autoridades a entrar no caminho das violências. Porquê motivo não prendem os patrões que primeiramente se recusaram a dar trabalho a muitos marítimos?

Onde está a liberdade de trabalho? Vivemos num regime de escravidão que o trabalho é obrigatório?

Informam-nos de que parte da tripulação do vapor Peniche, foi arbitrariamente presa por, muito legitimamente e ao abrigo das próprias leis da república, se recusar a trabalhar.

Começam as autoridades a entrar no caminho das violências. Porquê motivo não prendem os patrões que primeiramente se recusaram a dar trabalho a muitos marítimos?

Onde está a liberdade de trabalho? Vivemos num regime de escravidão que o trabalho é obrigatório?

Informam-nos de que parte da tripulação do vapor Peniche, foi arbitrariamente presa por, muito legitimamente e ao abrigo das próprias leis da república, se recusar a trabalhar.

Começam as autoridades a entrar no caminho das violências. Porquê motivo não prendem os patrões que primeiramente se recusaram a dar trabalho a muitos marítimos?

NO PORTO

OS SERVIÇOS DE HIGIENE

vão residir no prolongamento... do canal, da apanha de galinhas e no encarecimento do gás e da electricidade

As "lixadeiras" ficam como monumentos regionais.

PORTO, 16. — Na nossa Dama Municipal passam-se, por vezes, coisas tão interessantes, que não fazem deltar os olhos das ilustres. São poucas, mas são boas, e é o que vale de quando em quando à cidade para que a sua monotonia se amenize um pouco.

Um dos seus mais lustrados senhores, querendo dar sobejas provas da sua erudição e da sua preocupação com a saúde pública, resolveu fazer uma visita ao hospital. Seria muito aproveitável, porque teria ocasião de ver verdadeiros crimes e arranjaria uma resposta para quando aqueles senhores lhe pegam o voto.

Brevemente nos ocuparemos das roubafeiras que se tem praticado nesse maldito hospital.

Reina grande animação nos arraisos do "ólio vivo". Emissários seus percorrem as freguesias circunvizinhas arranjando adeptos para a sua quadrilha, a que deram o pomposo nome de Sindicato Agícola de Silves. Até chegaram ao desafio de obrigarem os quinteiros a associarem-se na quadrilha, convidando também trabalhadores, mas estes repudiaram tal convite.

Que grande súa que são os do "ólio vivo"...

Num baile familiar, festejando o aniversário de um camarão, foi tirada uma quete para os presos por questões sociais, que rendeu a importância de 205. Em seguida foi feita uma interessante palestra por Domingos Passarinho e Joaquim Rodrigues, que expõem aos presentes a necessidade e o dever moral de todos os jovens ingressarem na Juventude Sindicalista.

Como é belo e concludor registrar estes factos.

Segundo declaração do presidente da câmara, tivemos conhecimento que no hospício morriam crianças por falta de alimento.

O subsídio que a câmara autorizava em 1914 é o mesmo que autoriza hoje. Até as inocentes crianças, que não tem culpa das maldades humanas, não escapam à sanha feroz dos homens de dinheiro.

Finalmente!

Vai ter a população de Silves, luz eléctrica. A câmara vai pôr a concurso as bases do contrato. Oxalá não fique o cesto dos papéis velhos, como é costume.

Os lucros ilícitos

Os comerciantes desta cidade estão desesperados com a lei dos lucros ilícitos, amaldiçoando o ministro que tanto os faz trabalhar, pois que levam os dias a pôr leitres nos artigos que tem à venda.

Ouvimos a opinião dum conceituadíssimo comerciante o qual diz que o povo não estava civilizado para compreender a lei, que os camponeses não percebiam nada de lucros ilícitos.

Por tanto estava tudo na consciência deles. Não haja dúvidas...

COIMBRA

15 DE MAIO

Os lucros ilícitos e a "honradês" do comércio

Nem lucros lícitos nem ilícitos, as leis são farrapos que se calam a pé, fazendo o comércio o que lhe apetece.

Num desceramento que nos revoltou, dia a dia assistimos ao subir desenfreado do preço dos artigos indispensáveis à manutenção da vida.

Não falamos no vestuário, porque já estamos condenados a ter que andar em breve como os pretos em África...

Um pão, que há pouco tempo custava 10 centavos, hoje é de 20. Como podemos sustentar-se as classes operárias, com o continuo aumento que tudo tem?

Se a miséria é grande por todas as terras do país, aqui alastra assustadoramente. Os comerciantes, animados pelo sucesso do julgamento dos infractores à lei dos lucros ilícitos, mais à vontade, estendem as garras aduncas, pois essas forças do "ólio vivo", merecem a protecção da justiça, da G. N. R. e da polícia, roubam cada vez mais o suor do desgraçado que produz, obrigando-o, além disso, a ingerir mixórdias, para dispor de um como lhes aprouver!

O operariado de Coimbra atravessa actualmente uma das suas maiores crises. Mas se se revoltasse, pretendendo castigar a casta parasitária que o explora, breve veríamos a militaragem calar baioneta e trucidar os seus irmãos, para que sossegadamente os burgueses possam viver, livres de qualquer tresloucamento!

Urge pois que todos se unam nos seus baluartes sindicais, procurando a

serpenteara docemente atrás do barco. Então? Continuas mal da cabeça? — perguntou Tchekache com bondade.

Muito mal! Só como se fosse um sino... Vou refrescá-la um pouco com água.

— Não vale a pena! Rega antes o canal e verás como ficas bom.

E estendeu uma garrafa a Gavrilho.

— Supões isso? Com a benção do Senhor!...

Ouviu-se o glug-lug do líquido.

— Eh lá! Que é isso? Basta! — gritou Tchekache detendo-o.

Novamente o barco se pôs em marcha, sem ruído, deslizando por entre os navios...

De repente, desembarcou-se de todas essas massas e o mar infinito, poderoso, brilhante desentrou-se-lhe na frente, desaparecendo no azul longínquo, onde, das águas, se elevavam para o céu montanhas de nuvens violáceas, ornadas aqui duma penugem amarela esverdeada, semelhante à água do mar, e além de uma franja escura e triste, projectando aquelas sombras pesadas que entristecem e oprimem as almas e os espíritos.

As nuvens deslizavam lentamente umas por sobre as outras; ora se fundiam, ora se separavam; confundiam as cores e as formas, dissipavam-se e reapareciam com novos contornos, imponentes ou sinistros...

E havia qualquer coisa de fatal no movimento lento daquelas massas sem vida. Pareciam inúmeros, lá ao longe, no infinito, esses monstros, resurgindo de cada instante, rastejando em differença no céu, com o único fim, per-

verso e ridículo, de impedirem que milhões de olhos doridos das estrelas de mil luzes, vivos e pensativos, despertando nobres desejos nos seres extasiados perante a sua luz pura e santa, viessem aliar-se ao mar adormecido.

— Et' belo o mar, não é verdade? — perguntou Tchekache?

— Sim, mas o pior é que faz medo andar sobre ele — respondeu Gavrilho, remando vigorosa e cadenciadamente.

A água, quasi silenciosa, espandiam-se sobre os compridos remos, iluminando-se de fosforescências azuladas.

— Faz medo? Imbecil!... — replicou Tchekache com um sorriso.

Esse audacioso ladrão amava o mar. O seu temperamento irrequieto e nervoso, ávido de sensações, não se contentava nunca de contemplar aquela imensidão infinita, livre e poderosa, e tinha-se chocado com a resposta à sua pergunta sobre a beleza do mar, que ele tanto admirava.

Sentado ao leme, olhava tranquilamente para a frente, cheio de desejos de vogar para longe e por muito tempo, sobre aquela superfície aveludada.

Sobre o mar, uma comoção profunda e ardente se apossava dele, enchendo-lhe a alma, aliviando-o dos pesares da vida. Saboreava esta impressão, sentia-se melhor ali, entre as vagas e o ar ali, onde os pensamentos da vida e a própria vida perdiam, uns as aguras e a outra o seu valor...

O ligeiro ruído da brisa, no mar adormecido, voava-lhe ao lado e esse murmúrio infinito refazia os seus desejos e pacifica a alma, faz nascer nela sonhos típicos.

"A BATALHA" - na provincia - e nos arredores

SILVES

15 DE MAIO

A falta de assistência

Para provar as afirmações que há dias, vimos fazendo sobre o desleixo criminoso de alguns médicos desta cidade, aconselhamos a toda a gente de bem, que queira ver as pobres vítimas desses senhores, uma visita ao hospital. Seria muito aproveitável, porque teria ocasião de ver verdadeiros crimes e arranjaria uma resposta para quando aqueles senhores lhes pegam o voto.

Brevemente nos ocuparemos das roubafeiras que se tem praticado nesse maldito hospital.

Reina grande animação nos arraisos do "ólio vivo". Emissários seus percorrem as freguesias circunvizinhas arranjando adeptos para a sua quadrilha, a que deram o pomposo nome de Sindicato Agícola de Silves. Até chegaram ao desafio de obrigarem os quinteiros a associarem-se na quadrilha, convidando também trabalhadores, mas estes repudiaram tal convite.

Que grande súa que são os do "ólio vivo"...

Num baile familiar, festejando o aniversário de um camarão, foi tirada uma quete para os presos por questões sociais, que rendeu a importância de 205. Em seguida foi feita uma interessante palestra por Domingos Passarinho e Joaquim Rodrigues, que expõem aos presentes a necessidade e o dever moral de todos os jovens ingressarem na Juventude Sindicalista.

Como é belo e concludor registrar estes factos.

Segundo declaração do presidente da câmara, tivemos conhecimento que no hospício morriam crianças por falta de alimento.

O subsídio que a câmara autorizava em 1914 é o mesmo que autoriza hoje. Até as inocentes crianças, que não tem culpa das maldades humanas, não escapam à sanha feroz dos homens de dinheiro.

Finalmente!

Vai ter a população de Silves, luz eléctrica. A câmara vai pôr a concurso as bases do contrato. Oxalá não fique o cesto dos papéis velhos, como é costume.

Os lucros ilícitos

Os comerciantes desta cidade estão desesperados com a lei dos lucros ilícitos, amaldiçoando o ministro que tanto os faz trabalhar, pois que levam os dias a pôr leitres nos artigos que tem à venda.

Ouvimos a opinião dum conceituadíssimo comerciante o qual diz que o povo não estava civilizado para compreender a lei, que os camponeses não percebiam nada de lucros ilícitos.

Por tanto estava tudo na consciência deles. Não haja dúvidas...

COIMBRA

15 DE MAIO

Os lucros ilícitos e a "honradês" do comércio

Nem lucros lícitos nem ilícitos, as leis são farrapos que se calam a pé, fazendo o comércio o que lhe apetece.

Num desceramento que nos revoltou, dia a dia assistimos ao subir desenfreado do preço dos artigos indispensáveis à manutenção da vida.

Não falamos no vestuário, porque já estamos condenados a ter que andar em breve como os pretos em África...

Um pão, que há pouco tempo custava 10 centavos, hoje é de 20. Como podemos sustentar-se as classes operárias, com o continuo aumento que tudo tem?

Se a miséria é grande por todas as terras do país, aqui alastra assustadoramente. Os comerciantes, animados pelo sucesso do julgamento dos infractores à lei dos lucros ilícitos, mais à vontade, estendem as garras aduncas, pois essas forças do "ólio vivo", merecem a protecção da justiça, da G. N. R. e da polícia, roubam cada vez mais o suor do desgraçado que produz, obrigando-o, além disso, a ingerir mixórdias, para dispor de um como lhes aprouver!

O operariado de Coimbra atravessa actualmente uma das suas maiores crises. Mas se se revoltasse, pretendendo castigar a casta parasitária que o explora, breve veríamos a militaragem calar baioneta e trucidar os seus irmãos, para que sossegadamente os burgueses possam viver, livres de qualquer tresloucamento!

Urge pois que todos se unam nos seus baluartes sindicais, procurando a

serpenteara docemente atrás do barco. Então? Continuas mal da cabeça? — perguntou Tchekache com bondade.

Muito mal! Só como se fosse um sino... Vou refrescá-la um pouco com água.

— Não vale a pena! Rega antes o canal e verás como ficas bom.

E estendeu uma garrafa a Gavrilho.

— Supões isso? Com a benção do Senhor!...

Ouviu-se o glug-lug do líquido.

— Eh lá! Que é isso? Basta! — gritou Tchekache detendo-o.

Novamente o barco se pôs em marcha, sem ruído, deslizando por entre os navios...

De repente, desembarcou-se de todas essas massas e o mar infinito, poderoso, brilhante desentrou-se-lhe na frente, desaparecendo no azul longínquo, onde, das águas, se elevavam para o céu montanhas de nuvens violáceas, ornadas aqui duma penugem amarela esverdeada, semelhante à água do mar, e além de uma franja escura e triste, projectando aquelas sombras pesadas que entristecem e oprimem as almas e os espíritos.

As nuvens deslizavam lentamente umas por sobre as outras; ora se fundiam, ora se separavam; confundiam as cores e as formas, dissipavam-se e reapareciam com novos contornos, imponentes ou sinistros...

E havia qualquer coisa de fatal no movimento lento daquelas massas sem vida. Pareciam inúmeros, lá ao longe, no infinito, esses monstros, resurgindo de cada instante, rastejando em differença no céu, com o único fim, per-

verso e ridículo, de impedirem que milhões de olhos doridos das estrelas de mil luzes, vivos e pensativos, despertando nobres desejos nos seres extasiados perante a sua luz pura e santa, viessem aliar-se ao mar adormecido.

— Et' belo o mar, não é verdade? — perguntou Tchekache?

— Sim, mas o pior é que faz medo andar sobre ele — respondeu Gavrilho, remando vigorosa e cadenciadamente.

A água, quasi silenciosa, espandiam-se sobre os compridos remos, iluminando-se de fosforescências azuladas.

— Faz medo? Imbecil!... — replicou Tchekache com um sorriso.

Esse audacioso ladrão amava o mar. O seu temperamento irrequieto e nervoso, ávido de sensações, não se contentava nunca de contemplar aquela imensidão infinita, livre e poderosa, e tinha-se chocado com a resposta à sua pergunta sobre a beleza do mar, que ele tanto admirava.

Sentado ao leme, olhava tranquilamente para a frente, cheio de desejos de vogar para longe e por muito tempo, sobre aquela superfície aveludada.

Sobre o mar, uma comoção profunda e ardente se apossava dele, enchendo-lhe a alma, aliviando-o dos pesares da vida. Saboreava esta impressão, sentia-se melhor ali, entre as vagas e o ar ali, onde os pensamentos da vida e a própria vida perdiam, uns as aguras e a outra o seu valor...

O ligeiro ruído da brisa, no mar adormecido, voava-lhe ao lado e esse murmúrio infinito refazia os seus desejos e pacifica a alma, faz nascer nela sonhos típicos.

— E onde estão as redes? — perguntou Gavrilho, procurando-as no barco com olhar inquieto.

Tchekache estremeceu.

— As redes? Estão aqui ao pé do leme.

— Mas, que redes podem aí estar? — perguntou Gavrilho, cuja voz novamente deixava transparecer a desconfiança.

— Uma tarrafa e...

Mas Tchekache envergonhou-se de mentir, para ocultar os seus verdadeiros desígnios. A ténua do molesto daquela pergunta, que lhe dispersava assim os pensamentos em que ia cogitando. Sentiu no peito a queimadura acerba que lhe também conhecia; qualquer coisa que lhe apertava a garganta. Brutalmente, e com ares de importância, disse a Gavrilho:

— Estás aí? Pois bem, deixa-te estar! Não te metas onde não és chamado. Disseram-te que remasses, rema. Se falas muito podes arrepender-te. Compreendes?

Um instante depois, o barco oscilou e parou. Os remos ficaram imóveis na água, que borbulhava em volta deles e Gavrilho agitou-se inquieto sobre o banco.

— Rema!

Uma praga enérgica sacudiu o ar. Gavrilho fez mover os remos; o barco, parecendo assustado, avançou, em sacadas rápidas, desiguais, fendendo a água com ruído.

— Mais devagar!

Tchekache tinha-se erguido, e, sem abandonar o leme, mergulhava o olhar frio no rosto pálido de Gavrilho, cujos lábios tremiam. Turbado, projectado

sua unificação, para impor o seu direito à vida.

O acaso ontem fez-nos passar por uma das ruas da cidade baixa, onde os pequenos lugares de hortaliça, pão, etc., fazem o seu comércio e assistimos a uma scena das muitas que diariamente se dão.

Um pequenito que passava, olhou cubucoso um pão loiro que estava na prateleira, e vê-lo a fugir com ele para depois o comer foi obra dum momento! Corria como um gamo, e nós sorriamos pela partida, quando asperamente a loandreira nos insulta por não termos agarrado o pequenito, que ofegante, numa corrida louca, desaparecia na próxima esquina!

E ficamos pensativos, vendo como a sociedade actual faz os ladrões, que depois castiga como uma verdadeira maldade, querendo ensinar-lhes o verdadeiro caminho!

No entanto, os grandes ladrões, os que matam toda uma legião de trabalhadores, envenenando-os, passeiam à vontade pelas ruas da cidade, ricamente vestidos, ou, em automóveis caros, que em dias de chuva nos salpicam com a lama que o rodado nos atira, como a insultar-nos! — C.

Realiza-se amanhã, no Apolo, a 3.ª recita de assinatura com a primeira representação da peça em 4 actos, *Bodas de Ouro*, original de Vasco de Mendonça Alves. Os principais papeis da peça estão confiados a José Ricardo, Maria Matos, Ilda Stichini, Irene Gomes, Mendonça de Carvalho e Penha Coutinho, filho.

As *maquetes* da peça são de Leitão de Barros e Martins Barata, pertencendo a sua execução scenográfica a Luz & Almeida.

Reclames

Hoje, no Apolo, é, definitivamente, a despedida da encantadora peça *Os Filhos da Casa Mourisca* que tem grande entusiasmo despertou no Apolo, atraindo, ali, enorme concorrência.

— Honra os originais portugueses a peça *A Luta de Ricardo*, em scena no Politeama, com um grande sucesso.

A scena violenta entra a ilustre artista Amélia Rei Colação e a talentosa atriz Estrela Leão é verdadeiramente de mestre. Repete-se esta noite.

Para estreia do notável artista Angeles Ottein — o mais célebre soprano ligeiro da actualidade — vai hoje a scena, em recita extraordinária, no Coliseu dos Recreios, a magnifica obra *Lucia de Lammermoor*, a qual a distinta artista tem uma das suas grandes criações. O espectáculo de hoje é, pois, de molde a convidar os amadores da bela arte do canto.

Obteve o mais brilhante êxito a revista *O 31* que ontem em *repris* subiu à scena do Eden, nas duas sessões; Zulmira Miranda que fazia a sua festa artística, foi muito saudada ao entrar em scena e aplaudida em todos os números que tem graciosamente interpretou.

Durante os intervalos foi muito cumprimentada no seu camarim, que se encontrava repleto de flores e brindes.

Corpo Numantário "Cruz Preta"

Está esta instituição montando um posto de socorros e de condução de feridos aos hospitais e uma secção funerária para indigentes, na estrada de Benfica.

Toda a correspondência para tal fim deve ser dirigida à sede provisória da comissão organizadora, rua de S. Joaquim, n.º 2, a Santa Isabel, que se encontra à disposição dos sócios.

VIDA ANARQUISTA

Humanidade Livre. — Reúne hoje às 21 horas.

com o Sindicato dos Trabalhadores de Valença, União dos Sindicatos Operários de Viana do Castelo e, por intermédio deste organismo, com todas as entidades colectivas com quem tenha necessidade de manter relações.

Apressem-se, quanto antes, a tornar em realidade a justa aspiração de liberdade que os deve nortear e dirigir. Deixem que os senhores mestres se zanguem e que os Lamas e os "liquitones" esbracejem desesperados, procurando insinuar calúnias torpes contra o correspondente que, sincera e perentoriamente, vos promete estar sempre e incondicionalmente na vossa defesa e ao vosso dispor. — C.

António Jubilado

A notícia do falecimento do operário alfaiate António Jubilado, que a *Batalha* ontem deu à estampa, produziu em todas as pessoas que conheciam de perto e apreciavam as suas excelentes qualidades de carácter, uma justificada sensação de tristeza, da qual sinceramente partilha quem estas linhas escreve, que teve ocasião de conhecer

Realiza-se hoje em S. Carlos, a primeira recita festiva a nível actriz Amélia Bastos.

O espectáculo está primorosamente organizado, constando da *première* do original de Leitão de Barros, *Ramo de Violetas*, da peça *Por que sim*, original dos irmãos Quinteiro, e tradução da sr.ª D. Branca da Costa Colação, e a comédia *O lorgnon da avó*, original de Ernesto de Menezes.

Hoje que se efectua, no Avenida, a recita de honra da ilustre actriz Aurora Abranches. Representa-se, pela primeira vez entre nós, a peça da autoria da festejada, *Madalena Arrependida*, comédia em três actos, em que Aurora, ao lado de sua mãe, de Alexandre de Azevedo e Sacramento, desempenha a protagonista. A peça vai posta com o maior brilhantismo e o máximo esmero.

Noticias

Realiza-se amanhã, no Apolo, a 3.ª recita de assinatura com a primeira representação da peça em 4 actos, *Bodas de Ouro*, original de Vasco de Mendonça Alves. Os principais papeis da peça estão confiados a José Ricardo, Maria Matos, Ilda Stichini, Irene Gomes, Mendonça de Carvalho e Penha Coutinho, filho.

As *maquetes* da peça são de Leitão de Barros e Martins Barata, pertencendo a sua execução scenográfica a Luz & Almeida.

Reclames

Hoje, no Apolo, é, definitivamente, a despedida da encantadora peça *Os Filhos da Casa Mourisca* que tem grande entusiasmo despertou no Apolo, atraindo, ali, enorme concorrência.

— Honra os originais portugueses a peça *A Luta de Ricardo*, em scena no Politeama, com um grande sucesso.

A scena violenta entra a ilustre artista Amélia Rei Colação e a talentosa atriz Estrela Leão é verdadeiramente de mestre. Repete-se esta noite.

Para estreia do notável artista Angeles Ottein — o mais célebre soprano ligeiro da actualidade — vai hoje a scena, em recita extraordinária, no Coliseu dos Recreios, a magnifica obra *Lucia de Lammermoor*, a qual a distinta artista tem uma das suas grandes criações. O espectáculo de hoje é, pois, de molde a convidar os amadores da bela arte do canto.

Obteve o mais brilhante êxito a revista *O 31* que ontem em *repris* subiu à scena do Eden, nas duas sessões; Zulmira Miranda que fazia a sua festa artística, foi muito saudada ao entrar em scena e aplaudida em todos os números que tem graciosamente interpretou.

Durante os intervalos foi muito cumprimentada no seu camarim, que se encontrava repleto de flores e brindes.

Corpo Numantário "Cruz Preta"

Está esta instituição montando um posto de socorros e de condução de feridos aos hospitais e uma secção funerária para indigentes, na estrada de Benfica.

Toda a correspondência para tal fim deve ser dirigida à sede provisória da comissão organizadora, rua de S. Joaquim, n.º 2, a Santa Isabel, que se encontra à disposição dos sócios.

VIDA ANARQUISTA

Humanidade Livre. — Reúne hoje às 21 horas.

com o Sindicato dos Trabalhadores de Valença, União dos Sindicatos Operários de Viana do Castelo e, por intermédio deste organismo, com todas as entidades colectivas com quem tenha necessidade de manter relações.

Apressem-se, quanto antes, a tornar em realidade a justa aspiração de liberdade que os deve nortear e dirigir. Deixem que os senhores mestres se zanguem e que os Lamas e os "liquitones" esbracejem desesperados, procurando insinuar calúnias torpes contra o correspondente que, sincera e perentoriamente, vos promete estar sempre e incondicionalmente na vossa defesa e ao vosso dispor. — C.

António Jubilado

A notícia do falecimento do operário alfaiate António Jubilado, que a *Batalha* ontem deu à estampa, produziu em todas as pessoas que conheciam de perto e apreciavam as suas excelentes qualidades de carácter, uma justificada sensação de tristeza, da qual sinceramente partilha quem estas linhas escreve, que teve ocasião de conhecer

Realiza-se hoje em S. Carlos, a primeira recita festiva a nível actriz Amélia Bastos.

O espectáculo está primorosamente organizado, constando da *première* do original de Leitão de Barros, *Ramo de Violetas*, da peça *Por que sim*, original dos irmãos Quinteiro, e tradução da sr.ª D. Branca da Costa Colação, e a comédia *O lorgnon da avó*, original de Ernesto de Menezes.

Hoje que se efectua, no Avenida, a recita de honra da ilustre actriz Aurora Abranches. Representa-se, pela primeira vez entre nós, a peça da autoria da festejada, *Madalena Arrependida*, comédia em três actos, em que Aurora, ao lado de sua mãe, de Alexandre de Azevedo e Sacramento, desempenha a protagonista. A peça vai posta com o maior brilhantismo e o máximo esmero.

Noticias

Realiza-se amanhã, no Apolo, a 3.ª recita de assinatura com a primeira representação da peça em 4 actos, *Bodas de Ouro*, original de Vasco de Mendonça Alves. Os principais papeis da peça estão confiados a José Ricardo, Maria Matos, Ilda Stichini, Irene Gomes, Mendonça de Carvalho e Penha Coutinho, filho.

As *maquetes* da peça são de Leitão de Barros e Martins Barata, pertencendo a sua execução scenográfica a Luz & Almeida.

Reclames

Hoje, no Apolo, é, definitivamente, a despedida da encantadora peça *Os Filhos da Casa Mourisca* que tem grande entusiasmo despertou no Apolo, atraindo, ali, enorme concorrência.

— Honra os originais portugueses a peça *A Luta de Ricardo*, em scena no Politeama, com um grande sucesso.

A scena violenta entra a ilustre artista Amélia Rei Colação e a talentosa atriz Estrela Leão é verdadeiramente de mestre. Repete-se esta noite.

Para estreia do notável artista Angeles Ottein — o mais célebre soprano ligeiro da actualidade — vai hoje a scena, em recita extraordinária, no Coliseu dos Recreios, a magnifica obra *Lucia de Lammermoor*, a qual a distinta artista tem uma das suas grandes criações. O espectáculo de hoje é, pois, de molde a convidar os amadores da bela arte do canto.

Obteve o mais brilhante êxito a revista *O 31* que ontem em *repris* subiu à scena do Eden, nas duas sessões; Zulmira Miranda que fazia a sua festa artística, foi muito saudada ao entrar em scena e aplaudida em todos os números que tem graciosamente interpretou.

Durante os intervalos foi muito cumprimentada no seu camarim, que se encontrava repleto de flores e brindes.

Corpo Numantário "Cruz Preta"

Está esta instituição montando um posto de socorros e de condução de feridos aos hospitais e uma secção funerária para indigentes, na estrada de Benfica.

Toda a correspondência para tal fim deve ser dirigida à sede provisória da comissão organizadora, rua de S. Joaquim, n.º 2, a Santa Isabel, que se encontra à disposição dos sócios.

VIDA ANARQUISTA

Humanidade Livre. — Reúne hoje às 21 horas.

com o Sindicato dos Trabalhadores de Valença, União dos Sindicatos Operários de Viana do Castelo e, por intermédio deste organismo, com todas as entidades colectivas com quem tenha necessidade de manter relações.

Apressem-se, quanto antes, a tornar em realidade a justa aspiração de liberdade que os deve nortear e dirigir. Deixem que os senhores mestres se zanguem e que os Lamas e os "liquitones" esbracejem desesperados, procurando insinuar calúnias torpes contra o correspondente que, sincera e perentoriamente, vos promete estar sempre e incondicionalmente na vossa defesa e ao vosso dispor. — C.

António Jubilado

A notícia do falecimento do operário alfaiate António Jubilado, que a *Batalha* ontem deu à estampa, produziu em todas as pessoas que conheciam de perto e apreciavam as suas excelentes qualidades de carácter, uma justificada sensação de tristeza, da qual sinceramente partilha quem estas linhas escreve, que teve

"A concepção anarquista do sindicalismo"

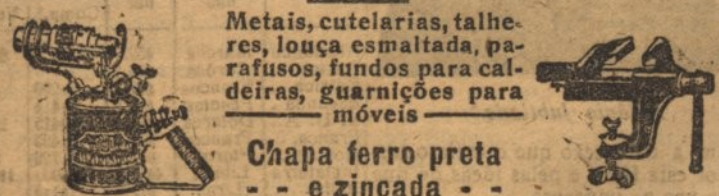
PELO

Dr. Nazianzeno de Vasconcelos
(NENO VASCO)

Foi posto à venda na administração de "A BATALHA"

PREÇO 2\$00 (DOIS ESCUDOS) Pelo correio 2\$500

Valério, Lopes & Ferreira, L.^{da} FERRAGENS E FERRAMENTAS



Metals, cutelarias, talhe-
res, louça esmaltada, pa-
rafusos, fundos para cal-
deiras, guarnições para
móveis

Chapa ferro preta
- e zincada -

Chapa de zinco, latão e cobre, antimônio,
balanças, pesos e medidas, cravo para fer-
rador, serras circulares e de fita, etc.

TELE. fone. 3930, N.
gramas, FERRAGENS

84, Rua do Amparo, 86-- LISBOA

Belsaúde VITERI

Cigarilhas medicinais ultra-elegantes
Cura rapidamente

Catarrhos, defluxos, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, resquidão, e
apressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz,
olhos, bronquios e pulmões.

1.º Desliza profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais práti-
co dos inhaladores.

2.º E' usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a carie
dentária e por todas as pessoas que tem de suportar óculos duvidosos porque as
defende de contágios perigosos.

3.º São usadas pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de
bronquites crônicas, porque limpando o pigarro abrem o apetite e permitem-lhes
sonos reparadores seguidos.

4.º Limpando o pigarro, combate a rouquidão, alivia a voz e fortalece as cordas
vocais; por isso são usadas pelas que cantam ou falam em público.

O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.º Atenua a acção nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias
dos fumadores e de quem com eles convivem, evitando-lhes o cancro e o catarro
gastrico.

6.º Desentorpece o cérebro fatigado, activa as faculdades intelectuais, evi-
tando a surmenagem cerebral. Usadas por todos os que pensam muito.

7.º Usadas pelas pessoas que viajam ou frequentam casas dos doentes, porque o
fumo suave o ambiente e introduz-se em todas as células das vias respiratórias, per-
servando-as das doenças contagiosas, ta como tuberculose, coqueluche, pneumonia,
gubéria, anginas, etc.

Há conveniência em engulir e fume

PREÇO DAS CIGARRILHAS

F. n.º 1 corrente: 1\$50 esc. — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 1\$80 esc.

Fórmula n.º 3 (fortíssimo) cart. 2\$00 esc.

Depósito dos preparados com selo VITERI:

Vicente Ribeiro & C.ª Suc.ª

Rua dos Fanqueiros, 84, L.º D.

Vende-se nas boas farmácias e drogarias

Operários para Angola

Contratam-se em boas condições
na Calçada de S. Francisco, 15, 1.º

Carpinteiros, Canalizadores para con-
duto de água, Caldeirheiros de cobre e
ferro, Calceiros, Canteiros, Cabou
queiros, Carpinteiros de molde e pe-
machado, Funileiros, Fundidores, Pe-
dreiros, Serradores, Serralheiros de lo-
comotivas e Torneiros.

Caminhos de Ferro Portugueses

Officinas Gerais
Admissão de operários

Admitem-se carpinteiros, serralheiros
civís e serralheiros montadores para
serviço permanente nas oficinas desta
Companhia.

Para tratar no edificio dos escritórios
nas Officinas Gerais em Santa Apolónia,
Lisboa, 14 de Maio de 1923.

O Director Geral da Companhia
(a) Ferreira de Mesquita

A

grande baixa de calçado

até com o lucro de 10 %

NA SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora . . . 10\$00
Sapatos em verniz . . . 2\$350
Botas pretas, (grande salto) . . . 3\$350
Botas brancas, (salto) . . . 2\$800
Grande salto de botas pretas . . . 3\$950
Botas de couro para homem . . . 40\$50

Não confundir a SOCIAL OPE-
RÁRIA com outra casa.

Ver bem, pois só lá se encontra bom
e barato.

A SOCIAL OPERÁRIA é na rua
dos Cavaleiros, 18-20, com Filial
na mesma rua, n.º 69.

Camaradas: é o n.º 60
da Rua Arco Marquês
de Alegria onde encon-
tram calçado em todas
as qualidades e por pre-
ços sem precedentes. Fazem-se medi-
das e concertos.

VÃO LÁ! — VÃO LÁ!

O sentido em que somos anarquistas

por MIGUEL BAKOUNINE

E' um folheto que todos devem ler
cuja edição acaba de ser feita pela bi-
blioteca de A Sementeira.

Um exemplar, \$30 — Pelo correio, \$40

Pedidos a esta administração

CALÇADO BARATO

SÓ O VENDE O

CANDEIAS

Completo sortido

DE

Calçado para crianças



Novas secções de Fanqueiro, Retrozeiro,
Camisaria e Chapelaria

Candeias—Intendente

IMPORTANTE

SEGUROS MARITIMOS

«A MUNDIAL» participa a todos os seus clientes
que celebrou contratos com os mais importantes
resseguradores, ficando assim habilitada a cobrir os
riscos marítimos em condições das mais vantajosas
e dentro da máxima garantia.

Vantagens especiais em apólices fluctuantes.
Dirigir-se a



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital interamnte realizado, Esc. 500.000\$000—Reservas, Esc. 749.051\$60,9

SEDE EM LISBOA

DELEGAÇÃO NO PORTO

Rua Garrett, 95—Tel. 3894

R. S4 da Bandeira, 331, 1.º

Conselho Técnico da Construção Civil

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que
digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, re-
parações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros,
jazigos em todos os estilos, fogões de sala, xadrezs, frentes
para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias
e mármore de todas as proveniências.

Telefone, C. 5339

Escritório: Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Trabalhadores: LEDE E PROPAGAI

"A BATALHA"

Obras de literatura, sciência e ensino

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

	Pelo correio		Pelo correio
Adolfo Lima:		Contos de Luar.....	5000 5070
Educação e ensino.....	5000 5070	Os habitantes dos outros mun- dos (2 v.).....	2000 2040
O Ensino da História.....	800 870	Fontenelle:— Pluralidade dos mundos (2 v.).....	2000 2050
O Teatro na Escola.....	400 450	Gorki:	
Alfredo Neves Dias:— Razão (quatro tomos).....	610 620	Os vagabundos.....	5000 5070
Buenzi:— Criação e vida.....	1000 1040	Guerra Junqueiro:— A Velho- do do Padre Eterno (encaderna- ção de luxo).....	10000 10080
Binet-Banglé:— A Loucura de Je- sus.....	2000 2050	Brochado.....	7000 7070
Charles Darwin:— Origem das espécies.....	0900 0900	Jaime Cortesão:— Adão e Eva (texto).....	5000 5040
Buckner:		Italia azul.....	5000 5040
O homem segundo a sciência Luz e Vida (2 v.).....	4800 4800 2000 2050	Jean Finot:— A Sciência da Fe- licidade.....	1000 1040
Celestino de Sousa:		Laizant:— Iniciação matemati- ca.....	3000 3040
Através da História.....	1000 1040	Maivert:— Sciência e Religião.....	4000 4050
Movimentos revolucionários.....	1000 1040	Neno Vasco:— O Pecado de Si- monia.....	600 640
A revolução francesa.....	1000 1040	Orlando Marçal:	
Deambert:— Jesus de Nazareth.....	1000 1040	Agua clara.....	5000 5050
Denoy:— Descendentes do macaco.....	1000 1040	Imagens do sonho e da ventura Pargame:.....	5000 5050
Egas Moniz:— A Vida Sexual.....	2500 2580	Origem da Vida.....	5000 5050
Eça de Queiroz: (4 v.).....	8000 8050	Reinach:— História das religiões.....	2000 2040
O Primo Basílio.....	8000 8050	Rusmann:— A Escravidão e a So- cial da Mulher.....	1000 1040
O Mandarim.....	8000 8050	Sponcer:	
Os Músicos (2 v.).....	12000 12050	Educação intelectual, moral e física.....	5000 5050
A Reliquia.....	8000 8050	Toistol:	
A Cidade e as Serras.....	4000 4050	Sonata de Kreutzer.....	3000 3070
Cartas Familiares.....	4000 4050	O canto do dia.....	3000 3070
Cartas de Inglaterra.....	4000 4050	Toutouze:— Como se deve edu- car o espirito.....	2000 2040
Minas de Salomão.....	4000 4050	Vitor Hugo:	
Notas Contemporâneas.....	2000 2040	Francia e Belgica (2 v.).....	0900 0900
Ultimas paginas.....	0600 0630	Novena e três (2 v.).....	0800 0800
Ernesto de Silva:— Teatro li- vre e Artes social.....	610 630	Os miseráveis (2 grossos volu- mes ilustrados, encadernados).....	5200 5250
Ernesto Naeckel:		Zola:	
História da Criação.....	8000 8050	Tereza Raquia.....	5000 5050
Origem do homem.....	2000 2040	Alegria de viver (2 v.).....	0800 0800
Os enigmas do universo.....	0800 0850	Ruiz de Alarcón:— A vida de Aforrada dos Rougas (2 v.).....	0900 0970
Monismo.....	1000 1040	Uma página de amor.....	0800 0800
Maravilhas da Vida.....	4000 4050		
Faguet:			
Iniciação filosófica.....	4000 4040		
Iniciação literária.....	0000 0040		
Faria de Vasconcelos:			
Problemas escolares.....	5000 5040		
Por terras de além mar.....	5000 5040		
Fiamaron:			
Iniciação astronómica.....	3000 3040		

Para registo mais 25 centavos

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

ARTIGOS DE ESCRITÓRIO E LIVROS COMERCIAIS

36 — RUA DO OURO — LISBOA

Biblioteca

de

Instrução Profissional

ELEMENTOS GERAIS

(encadernados)

Algebra elementar.....	7\$00
Aritmética prática.....	7\$00
Desenho linear geométrico.....	5\$00
Elementos de física.....	5\$00
Elementos de química.....	5\$00
Elementos de mecânica.....	5\$00
Modelação ornata e figura.....	5\$00
Projeções.....	7\$50
Química.....	6\$50
Geometria plana e no espaço.....	6\$50

ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Escrituração comercial-industrial	5\$00
Escrituração e contabilidade co- mercial.....	10\$00
Escrituração associativa.....	5\$00
Manual prático de correspondên- cia comercial.....	7\$50

DIVERSAS INDÚSTRIAS

Indústria alimentar.....	5\$00
MECANICA	
Desenho de máquinas.....	14\$00
Material agrícola.....	6\$00
Nomenclatura de caldeiras e má- quinas de vapor.....	6\$00
Problema de máquinas.....	7\$50

MANUAIS DE OFÍCIOS

Condutor de máquinas.....	7\$50
Fabricante de tecidos.....	5\$00
Fogoeiro.....	6\$00
Formador e estuador.....	5\$00
Fundidor.....	6\$00
Galvanoplastia.....	7\$50
Motor de explosão.....	8\$00
Pilagem.....	7\$50
Gravura química, eléctrica e fo- tográfica.....	1\$50
Cimento armado.....	15\$00

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos de construções.....	6\$50
Alvenaria e cantaria.....	6\$00
Edificações.....	6\$00
Encanamentos e salubridade das habitações.....	6\$00
Material de construção.....	7\$50
Terraplanagem e alçerces.....	5\$00
Trabalhos de serralharia civil.....	7\$50

Desde que lhe seja enviada a im-
portância respectiva acrescida de mais
20 % para as despesas do porte e re-
gisto a administração de A Batalha en-
viará qualquer das obras anunciadas.

Calçado

Sapataria do Calhariz

(em frente da Rua das Chagas)

Grandes abatimentos

em todos os calçados existentes

A 25\$00

SAPATOS de camurça preta, para
senhora, cujo valor é 35\$00.

A 32\$50

SAPATOS de calf de côr, fôrma da
moda, para homem, cujo valor é 50\$00.

A 22\$50

GRANDE lote de sapatos de camur-
ça de cor para senhora, cujo valor é
de 30\$00.

A 20\$00

UM grande lote de sapatos para se-
nhora em esplêndido chevron preto,
com salto à francesa, cujo valor é de
30\$00.

A 49\$00

GRANDE lote de botas em superior
calf de côr, cujo valor é de 60\$00.

A 30\$00

GRANDE lote de sapatos de verniz,
presilhas traçadas, salto Luis XV, cujo
valor é de 40\$00.

A 27\$50

SAPATOS para senhora, em superior
calf de côr, abotinados, Carlos IX,
salto de sola, cujo valor é 38\$00.

SANDALIAS

GRANDE SORTIMENTO com gran-
des diferenças de preços.

PARA FOOT-BALL

Vendemos todos estes calçados
— 30 a 40 % mais barato —

Grande sortimento em calçados casei-
ros, chinêses de quarto, mouriscos, cal-
çados das mais recentes novidades para
homens, senhoras e crianças, que tudo
se vende com grandes diferenças de
preços.

A todo o cliente que no acto da
compra apresentar este anúncio um
bônus de 5 %.

Sapataria do Calhariz

Largo do Calhariz, 33

(em frente da Rua das Chagas)

Não comprem

Sapataria Salgado

Rua dos Fanqueiros, 72 e 76

Rua dos Retrozeiros, 15 a 19

calçado algum sem primeiro
— consultar os preços da

Quereis o vosso
relógio con-
cedido com garantia e por
preço módico?

Levae-o ao

33 de S.º André

actualmente

Largo Rodrigues de Freitas, 33

(em frente do chafariz)

OFICINA DE RELOJOEIRO

E OURIRES

DE

ALVES D'ANDRADE, L.º

Publicações sociológicas

A' venda na Secção de Livraria de "A BATALHA"

	Pelo correio		Pelo correio
Organização Social Sindica- lista.....	2000 2050	Henrique Leão:— O Sindica- lismo.....	2000 2050
Antonelli:— A Rússia bolchevita A. Sarmiento:— A moral do jo- ven sindicalista.....	1000 1050 600 650	Jean Grave: A Sociedade Futura.....	5000 5050
A Comunidade:		Anarquismo e a Sociedade.....	5000 5050
A-macoparia e proletariado O Proletariado Histórico.....	600 650 600 650	João Bonança:— O Senão e o cielo.....	2000 2050
Agência Lux: O Sindicalismo e os intelecto- uais.....	600 650 600 650	Joseph J. Ettor:— Unionismo in- dustrial.....	600 650
Briand:— A greve geral.....	600 650	José Guesde:— A lei dos sa- larios.....	600 650
Carlos Raux:— A diadura do Proletariado.....	600 650	José E. E. — Os L. W. W. na teoria e na prática.....	2000 2050
Celso Ferraiz:— Os partidos políticos.....	1000 1040	Krajotkins: A moda.....	600 650
Chueca:— Como não ser anar- quista.....	600 650	A Anarquia, sua filosofia e seus métodos.....	1000